

Relatório Especial de Consultoria

CENÁRIOS E DESAFIOS PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO EM 2022/2023

10 de janeiro de 2022

1. INTRODUÇÃO: DESAFIOS PARA O AGRONEGÓCIO EM 2022/2023

O cenário é desafiador para todos os agentes do agronegócio na temporada 2022/2023, desde produtores, cooperativas, tradings, indústrias e revendas de insumos até indústrias e dealers de equipamentos e máquinas agrícolas. O fenômeno climático **La Niña**, projetado desde meados do ano passado se confirmou, trazendo com ele as **estiagens** em regiões ao Sul do Brasil, que se estenderam para a Argentina e o Paraguai. As preocupações com suprimentos e elevados preços de **insumos**, como fertilizantes e defensivos, permanecem, gerando **incertezas** para fornecedores e agricultores.

Os problemas de **logística** estão longe de serem superados, afetando a oferta de navios e contêineres, devendo manter os custos de **transportes** em patamares elevados. A volatilidade do **câmbio** no Brasil deverá persistir ao longo de 2022, diante da fraqueza da economia, com possível retração do Produto Interno Bruto (PIB), **inflação** ainda elevada, incertezas provocadas pelas **eleições**, o processo de alta de juros nos Estados Unidos e os rumos ainda desconhecidos da **pandemia** de Covid-19. Em meio a isso, a projeção para a faixa de oscilação do câmbio é ampla.

Os produtores vão se deparar com **custos** de produção elevados em 2022/2023, o que poderá levar à redução das **margens** de rentabilidade, alteração de planos de expansão de **áreas**, afetando a capacidade de captura de novos **investimentos**. O Plano Safra 2022/2023 será lançado em um cenário de **juros** altos e **escassez** de recursos públicos. A taxa Selic tende a ficar em patamares elevados, na tentativa de combater o processo inflacionário, o que pode resultar em insucesso, se não vier combinada a uma política firme de ajuste fiscal. Tudo isso levará à necessidade de cautela, planejamento acurado e gestão estratégica dos fatores de produção.

2. CLIMA ADVERSO: OS IMPACTOS DO FENÔMENO LA NIÑA

O quadro de chuvas observado na atual temporada, com estiagens regionalizadas, é típico do fenômeno climático La Niña, que está em atuação desde a primavera e poderá se estender até o outono de 2022. No acumulado de dezembro/2021, além da região Sul, os Estados de Mato Grosso do Sul, São Paulo, Roraima, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e o norte dos Estados do Pará, Maranhão, Piauí e Bahia, foram as regiões com menor volume de chuvas registrado, em torno de 100 milímetros, segundo

dados da INMET. Destaque para o oeste do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde o volume não ultrapassou os 25 milímetros. A porção que engloba Mato Grosso do Sul, São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e parte de Goiás e Minas Gerais apresentou déficit de 200 milímetros em relação à Normal Climatológica. Já no Centro-Norte as chuvas foram abundantes e atingiram até 600 milímetros.

Em determinadas regiões nos Estados do Amazonas, Pará, Amapá e Mato Grosso o volume de chuvas esteve muito acima da Normal Climatológica para o período, acima em 300 milímetros. No restante do País, as chuvas variaram entre 25 e 200 milímetros acima da Normal Climatológica. **Para a semeadura da safra de verão 2021/2022, a preocupação dos produtores de grãos no Sul do País vem se intensificando. Em virtude do fenômeno climático La Niña, as chuvas nessa região têm sido escassas e prejudicam o desenvolvimento das culturas.** Para a segunda semana de janeiro/2022, a faixa no extremo Nordeste sem chuvas aumenta, assim como diminui a possibilidade de chuvas na região Sul. No restante do País deve continuar chovendo no período, com máximas chegando em 250 milímetros principalmente no Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

No trimestre de fevereiro, março e abril de 2022, não deverá chover no Amapá e norte de Roraima, segundo projeções do INMET. No Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba as chuvas devem se limitar aos 400 milímetros. No restante do País, as chuvas poderão chegar aos 1.200 milímetros, principalmente nos Estados do Amazonas, Pará e Maranhão. Os Estados do Acre, Amapá, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e partes do Tocantins e Goiás deverão ter chuvas abaixo do esperado (Normal Climatológica) para o período, com déficits chegando, em alguns locais, em até 300 milímetros. Nos Estados do Amazonas, Pará e Mato Grosso do Sul as chuvas estarão bem acima do esperado, em 300 milímetros. Com a probabilidade de manutenção da La Niña ao longo do verão, é de se esperar a continuidade deste padrão de chuvas insuficientes no Sul do País e em excesso no Nordeste.

Dentre os impactos a serem destacados da estiagem e das chuvas irregulares, na região Sul do Brasil, na Argentina e no Paraguai, os produtores estarão, provavelmente, menos dispostos a captar novos investimentos, em função de redução de caixa e de capital. Haverá natural mudança no apetite de risco, em razão da frustração de safra, especialmente para os produtores de grãos. As chuvas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina foram muito irregulares dentro de um mesmo município, com base em dados das estações do INMET. Os impactos, portanto, têm grande variabilidade dentro dos estados do Sul do Brasil. Os prejuízos seguem ocorrendo nas lavouras do Sul do Brasil, pois em muitas regiões, as chuvas ainda são insuficientes para o desenvolvimento das culturas de verão. Por outro lado, os produtores rurais do Centro-Oeste, do Sudeste e MATOPIBA, não impactados pelo La Niña, deverão seguir com apetite por investimentos, o que deverá se refletir em maior movimentação para os agentes das cadeias produtivas (tradings, instituições financeiras, cooperativas, revendas de insumos).

3. IMPACTOS DAS QUEBRAS NA SAFRA DE GRÃOS 2021/2022

No **Paraná**, as estimativas iniciais (outubro/2021) do Departamento de Economia Rural (Deral) para a soja apontavam para produção de 20,8 milhões de toneladas. Atualmente, as estimativas são de uma **safrade soja de 13,0 milhões de toneladas – quebra de 38%**. Para o **milho 1ª safra (verão)**, as estimativas iniciais eram de 4,14 milhões de toneladas e, atualmente, a produção está estimada em 2,40 milhões de toneladas – **quebra de 42%**. As perdas nas lavouras paranaenses de soja e milho de verão da safra 2021/2022 podem se agravar se as temperaturas não baixarem e as chuvas seguirem pontuais e isoladas no Estado. A situação mais crítica é a das regiões oeste e sudoeste do Estado – que cultivam primeiro os grãos de acordo com o calendário de zoneamento agrícola de risco climático e nas quais as lavouras estão em estágio avançado de desenvolvimento, dificultando a reversão das perdas.

Nas regiões oeste e sudoeste do Paraná, a quebra por causa da estiagem prolongada deverá ficar entre 50% e 55% nas lavouras de milho de verão (1ª safra) e soja. É possível que a quebra estimada inicialmente seja maior porque a tendência é de que o Estado fique até março apenas com chuvas isoladas e escassas em algumas regiões e com ausência de chuvas em outras devido ao La Niña. Além disso, a maioria das áreas tem perdas irreversíveis, ou seja, mesmo que chova agora, as lavouras tendem a não conseguir reverter as perdas, uma vez que o estágio de desenvolvimento é avançado. Em receita, incluindo soja, milho, feijão, fumo, leite e silagem, as perdas já superam R\$ 16 bilhões. Novo relatório do Deral com atualização das estimativas para a safra de verão 2021/2022 será divulgado no dia 27 de janeiro.

Para este próximo levantamento, espera-se poder mensurar maior impacto da seca na produção agrícola paranaense. O levantamento que será divulgado no final deste mês de janeiro deverá mostrar as perdas mais consolidadas e trazer um cenário mais próximo da realidade. As consequências da seca e os impactos da previsão de precipitações esparsas até março poderão se estender também às lavouras do milho 2ª safra de 2022. O cenário de temperaturas elevadas somado à falta de umidade do solo pode atrasar o plantio do cereal no Estado. O Deral ainda considera o milho com 100% em condição boa. Para não ocorrer uma nova frustração da 2ª safra, como ocorreu em 2021, de 60%, há necessidade de precipitação homogênea e volumosa em todo o Estado.

No **Rio Grande do Sul**, segundo a Emater/RS, a semeadura de soja pouco avançou na segunda quinzena de dezembro de 2021, por causa da estiagem, principalmente na metade norte do Estado. Em regiões produtoras com maior déficit hídrico, a cultura em floração mostra sinais de perda de potencial produtivo. Com relação ao milho, com o início da colheita, foram constatadas perdas irreversíveis por causa da seca, principalmente na parte norte do Estado. **A estiagem no Estado provocará perdas irreversíveis na lavoura de soja e de milho da safra 2021/2022.** Segundo dados da Rede Técnica Cooperativa (RTC) da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado do Rio Grande do Sul (FecoAgro/RS), a produção gaúcha **de milho de sequeiro alcança uma perda de 59%**, até o momento, enquanto no milho irrigado a redução é de

13%. Nas plantações de **soja, a perspectiva atual é de quebra de 24%**, mesmo ainda com a semeadura em andamento, atingindo até agora 93% do total no Estado.

O período mais crítico para a soja inicia a partir da segunda quinzena deste mês de janeiro, em virtude dos estágios de desenvolvimento. As lideranças rurais do Estado já solicitaram medidas, como a prorrogação de dívidas financeiras dos produtores, principalmente as que vencem no primeiro semestre, além de uma política clara de armazenagem de água. A projeção inicial da safra de milho do Rio Grande do Sul era de 6,110 milhões de toneladas, estando agora estimada em 3,055 milhões de toneladas (quebra preliminar de 50%). Já a projeção inicial da safra de soja era de 21,6 milhões de toneladas, estando agora estimada em 16,4 milhões de toneladas (quebra preliminar de 24%). Na avaliação da Emater/RS, o Rio Grande do Sul enfrenta a pior seca desde 2004/2005. Até agora, a seca tem semelhanças com a de 2005 e característica drástica após ano de pouca intensidade de chuva. Em 2005, o Rio Grande do Sul perdeu 6,3 milhões de toneladas nas safras de soja, milho, arroz e feijão.

Em **Santa Catarina**, segundo a Secretaria da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural do Estado, as regiões no extremo oeste, oeste e meio oeste são as mais afetadas pela seca. A principal preocupação é com a lavoura de milho 1ª safra (verão). No extremo oeste do Estado, **as quebras deverão atingir 50% da 1ª safra de milho 2021/2022**.

No **oeste da Bahia**, a soja pode apresentar problemas no seu desenvolvimento caso as chuvas sigam nos volumes observados nas últimas semanas. Na **região Central do País**, as chuvas têm provocado impacto positivo no desenvolvimento da safra de verão. O cuidado deve ser mais à frente no momento da colheita, que pode ser prejudicada com os volumes maiores de precipitações, fato também atrelado ao fenômeno climático La Niña.

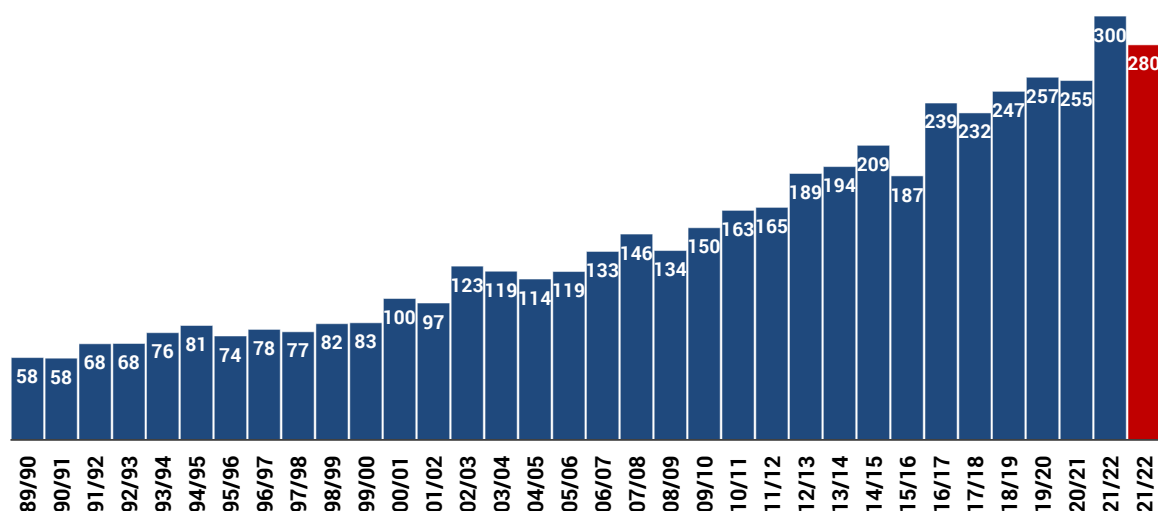
4. PROJEÇÕES PARA AS SAFRAS DE GRÃOS, CAFÉ, CANA E LARANJA

GRÃOS – SAFRA 2021/2022

Com as quebras preliminares, porém irreversíveis, até a primeira semana de janeiro, **a projeção da nossa Consultoria para a safra brasileira de grãos 2021/2022 é de 279,7 milhões de toneladas, recuo de 7% ante as 300 milhões de toneladas projetadas no mês de novembro/2021**. Em volume, as perdas mais expressivas estão concentradas nas safras de soja e milho 1ª safra (verão), afetadas pela estiagem nos Estados do Sul do País e, também, em partes do Mato Grosso do Sul.

Até a data atual, as quebras na safra brasileira de soja estão avaliadas em 14,0 milhões de toneladas, 9,6% abaixo da estimativa inicial de produção de 145,7 milhões de toneladas. Com isso, a safra de soja está estimada, atualmente, pela nossa Consultoria em 131,7 milhões de toneladas. No caso do milho da 1ª safra 2021/2022, as quebras preliminares estão avaliadas em 6,2 milhões de toneladas, redução de 20,5% sobre a projeção inicial da nossa Consultoria.

BRASIL: PRODUÇÃO TOTAL DE GRÃOS - MILHÕES DE TONELADAS



SOJA – SAFRA 2021/2022

A quebra na safra brasileira de soja 2021/2022 está estimada preliminarmente pela nossa Consultoria em 14 milhões de toneladas (-9,6%), para 131,7 milhões de toneladas, ante 145,7 milhões de toneladas na comparação com nossa projeção de novembro/2021. A estimativa também é menor do que as 142,7 milhões de toneladas estimadas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e as 144 milhões de toneladas projetadas pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). A estiagem e as altas temperaturas que têm predominado no Sul do Brasil e no sul de Mato Grosso do Sul desde o início de novembro atingiram com força a safra de soja.

A produção estimada atualmente pela nossa Consultoria já está abaixo do recorde de 137,3 milhões de toneladas da safra passada (2020/2021). O Estado mais afetado pela estiagem é o Paraná. Após as perdas iniciadas na região oeste – a mais atingida pela seca –, a safra também teve o potencial reduzido em outras regiões do Estado por causa da piora da seca e do calor ao longo de dezembro/2021. A produtividade esperada também sofreu cortes nos demais Estados da Região Sul. Em Santa Catarina, as chuvas têm sido um pouco mais regulares e a safra não está tão prejudicada quanto no Paraná. A produtividade média estimada, entretanto, já é inferior à do ano passado.

No Rio Grande do Sul, embora a definição da safra ocorra somente mais à frente do ano de 2022, o tempo muito quente e seco de dezembro resultou em encurtamento do ciclo produtivo em diversas áreas, que têm plantas de porte muito baixo já em floração e início de formação de vagens. Em decorrência do tempo mais seco em sua porção sul, Mato Grosso do Sul também teve corte em sua estimativa de produtividade, mas menos severo que nos Estados do Sul do Brasil. No resto do País, a safra se desenvolve bem e a expectativa é de altas produtividades em Mato Grosso, onde as primeiras áreas com a oleaginosa já estão sendo

colhidas. Entretanto, consideramos improvável que os ganhos esperados de produtividade e produção no Norte e Nordeste do Brasil sejam capazes de compensar as quebras do Sul do País.

MILHO 1ª SAFRA (VERÃO) – SAFRA 2021/2022

A quebra na 1ª safra (verão) de milho 2021/2022 no Brasil está estimada preliminarmente pela nossa Consultoria em 6,2 milhões de toneladas (-20,5%), para 23,2 milhões de toneladas, ante 29,2 milhões de toneladas na comparação com nossa projeção de novembro/2021. Para a produção total de milho nas três safras nacionais de 2021/2022, a projeção da nossa Consultoria foi revisada de 120,8 milhões de toneladas em novembro/2021, para 114,7 milhões de toneladas em janeiro/2022, uma redução de 5%. Para tanto, estamos projetando a 1ª safra (verão) em 23,19 milhões de toneladas, a 2ª safra (inverno) em 89,59 milhões de toneladas e 1,96 milhão de toneladas da 3ª safra. Vale destacar que, se as precipitações continuarem abaixo do normal no Sul do País, aprofundando a seca e mantendo a reserva de água no solo baixa, essas projeções deverão sofrer novas reduções.

CANA-DE-AÇÚCAR – SAFRA 2022/2023

Para a cana-de-açúcar da nova temporada 2022/2023, que se iniciará oficialmente em 1º/04/2022, apesar de as chuvas nos últimos meses de 2021 terem aliviado parcialmente o alto estresse pelo qual os canaviais vinham passando com o clima seco, a produção dependerá principalmente das precipitações no primeiro trimestre de 2022, essencial ao desenvolvimento da planta. É importante ressaltar que a safra 2022/2023 ainda sofrerá efeitos do clima seco do ano passado, como o atraso no desenvolvimento da planta e falhas em canaviais, causadas pela geada e por problemas no plantio em razão da falta de água.

Na temporada 2021/2022, foram registrados três eventos consecutivos de geada na cultura, que resultaram negativamente na produção de cana-de-açúcar, sobretudo para as regiões do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. Ainda assim, **as previsões apontam para uma recuperação da produção**. Há uma melhora climática para a safra 2022/2023, com volumes de chuva bem distribuídos e consideravelmente superiores em relação à safra passada, que teve déficit hídrico elevado entre abril e setembro de 2020. Os meses de outubro, novembro e dezembro de 2021, em contrapartida, registraram volumes de chuva superiores em relação ao último ano, em praticamente todo o Centro-Sul.

A expectativa para a área colhida de cana-de-açúcar no Centro-Sul do Brasil na temporada 2022/2023 é de redução de 2%, em decorrência da renovação de canaviais entre janeiro e março de 2022. Porém, **as projeções indicam que a produtividade agrícola deverá avançar 8,5%**, conforme estimado pelo setor, com crescimento de 6% da moagem na safra 2022/2023 em comparação com 2021/2022, o que levaria a um processamento total de cana na casa de 565 milhões de toneladas. O aumento esperado de produtividade decorreria do incremento de investimentos nos canaviais e do clima mais favorável do que o da atual safra.

Mas vale ressaltar que o volume de cana-de-açúcar disponível na próxima safra 2022/2023 dependerá fundamentalmente do clima nos próximos meses.

CAFÉ – SAFRA 2022/2023

Para a temporada cafeeira 2022/2023, que se iniciará oficialmente em 1º/05/2022, a **previsão é de quebras acentuadas** ante o volume esperado anteriormente para o próximo ciclo, que é de bienalidade positiva. No Brasil, as condições climáticas têm sido desfavoráveis às lavouras, que iniciam novo ciclo de produção, em fase de floração. **A próxima safra brasileira de café 2022/2023, cuja colheita começa entre abril e maio, deverá atingir entre 63 milhões e 64 milhões de sacas de 60 Kg**, das quais 42 milhões de sacas de 60 Kg para o tipo arábica e 22 milhões sacas de 60 Kg de conilon. Se confirmado, isto representaria a menor produção de café arábica desde 2016, considerando um ciclo de alta produção.

Ainda existem muitas incertezas sobre a safra brasileira 2022/2023, de bienalidade positiva. Em julho de 2021, três geadas atingiram regiões produtoras de café arábica no Brasil, uma delas a pior em duas décadas. As geadas, no entanto, provocaram poucos impactos na colheita 2021/2022, de bienalidade negativa. Os danos ocorrerão, de fato, na próxima safra (2022/2023), embora ainda não sejam completamente claros, dado que existem incertezas em relação à reação das árvores frente aos bons volumes de chuva (desde setembro/2021) e a taxa de poda nas áreas afetadas. **A perda de potencial da safra 2022/2023 no Brasil ficará entre 6 milhões a até 10 milhões de sacas de 60 Kg.**

LARANJA – SAFRA 2022/2023

Para a cultura da laranja, a **projeção é de produção na safra 2022/2023 (teoricamente de bienalidade positiva) similar à de 2021/2022**, em virtude das precipitações abaixo do normal no Estado de São Paulo e do calor excessivo, que mantêm a **situação desafiadora para a recuperação dos pomares**. Partes do Triângulo Mineiro também têm sofrido com a seca associada ao La Niña. De acordo com a 2ª Reestimativa do Fundo de Defesa da Citricultura, realizada com a cooperação da Markestrat, FEA-RP/USP e FCAV/Unesp, a safra de laranja 2021/2022 do cinturão citrícola de São Paulo e Triângulo/Sudoeste Mineiro (MG) deve alcançar 264,1 milhões de caixas de 40,8 Kg. O resultado corresponde a uma perda de 30 milhões de caixas de 40,8 Kg em relação à expectativa inicial, de maio/2021, o equivalente a 10,2%.

As condições climáticas adversas nesta temporada, que incluem a mais severa seca em quase um século e sucessivas geadas, inibiram o crescimento das laranjas e aumentaram a queda prematura de frutos. O volume acumulado de chuvas de maio a novembro de 2021 foi de 344 mm, em média nas regiões do cinturão citrícola, 31% abaixo da normal climatológica (1981-2020). No geral, a gravidade da seca começou a diminuir em outubro de 2021, único mês desde o início da safra em que as chuvas superaram a média histórica. O quadro de chuvas observado, com estiagens regionalizadas, é típico do fenômeno climático La Niña, que está em atuação desde a primavera e deve se estender até o outono de 2022.

Em São Paulo, o atual volume de flores nos pomares, que darão origem às laranjas da safra 2022/2023, é considerado satisfatório na maioria das áreas citrícolas. Enquanto nos pomares irrigados a abertura das floradas foi observada a partir de setembro, nos pomares sem irrigação, isso foi ocorrer em meados de outubro de 2021, após a chegada atrasada das chuvas. Agora, os agentes se mostram preocupados com possíveis impactos da falta de chuvas em 2021 sobre o vigor das plantas. Vale lembrar que o clima tem influência direta no pegamento, ou seja, chuvas, calor em excesso ou até mesmo grandes amplitudes térmicas podem ter efeito negativo sobre essa fase de desenvolvimento dos frutos. O resultado desta etapa deverá ser mais bem avaliado neste início de 2022.

5. AMÉRICA DO SUL: AS QUEBRAS NAS SAFRAS DE GRÃOS

A Argentina e o Paraguai também enfrentam problemas climáticos relacionados ao fenômeno La Niña, assim como vem ocorrendo no Sul do Brasil. As projeções indicam redução da produção esperada de soja e milho, tanto na Argentina, como no Paraguai. A falta de chuvas em regiões produtoras de soja da América do Sul, especialmente no Sul do Brasil, nordeste da Argentina e no Paraguai, continua sustentando altas consideráveis das cotações futuras na Bolsa de Chicago.

Na Argentina, as temperaturas elevadas e a falta de chuva agravam as condições das culturas de verão, especialmente milho e soja, segundo relatório sobre a condição hídrica das lavouras da Bolsa de Cereais de Buenos Aires. Até o momento, estima-se que 3 em cada 10 hectares semeados de soja apresentam condição hídrica regular/ruim e esta situação pode ser agravada rapidamente nos próximos dias. Conforme relatório da bolsa, da área total plantada com soja no país, de 13,44 milhões de hectares, a parcela da safra em condição hídrica ótima/adequada caiu de 80% para 69% em uma semana ante 67% há um ano. O percentual de lavouras com situação regular ou seca passou de 20% para 31% ante 33% em igual período da safra anterior.

É importante destacar que as áreas de primeira safra de soja, no centro da região agrícola, começam a passar por fases reprodutivas e o prolongamento do atual déficit hídrico pode não só comprometer o rendimento da colheita, mas também impossibilitar a incorporação da área que ainda resta a ser plantada. Quanto ao milho, do total da área plantada, de 5,160 milhões de hectares, 79% apresentavam condição hídrica ótima ou adequada, em comparação a 93% na semana anterior e 74% há um ano. A parcela em condição regular ou seca passou de 7% para 21% na semana ante 26% há um ano. Os lotes plantados primeiro estão passando por uma situação difícil, especialmente nos núcleos onde o milho já está em período crítico. A falta de chuvas junto com as temperaturas altas está afetando negativamente sua condição.

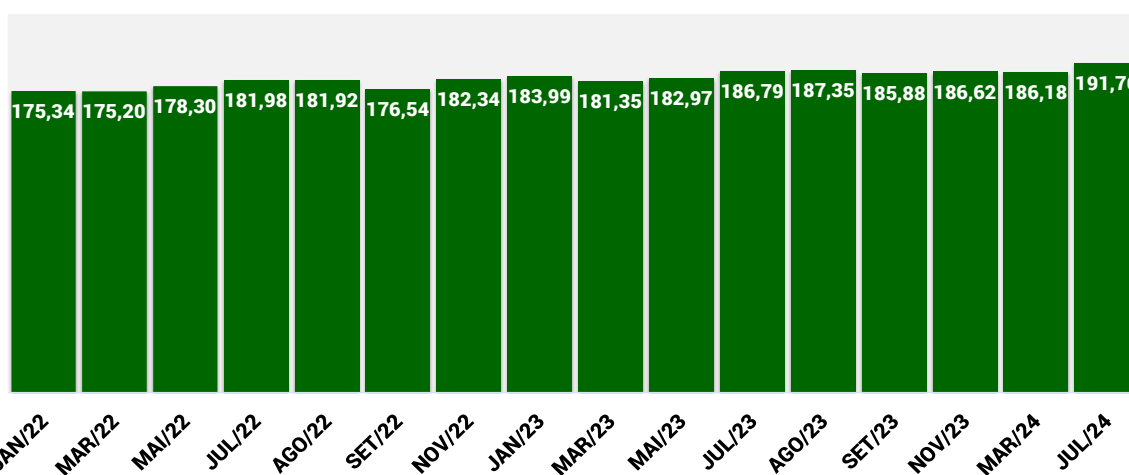
6. TENDÊNCIAS DOS MERCADOS AGRÍCOLAS EM 2022/2023

O Índice de Preços de Alimentos da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) acumulou uma alta de 28,1% em 2021 ante o ano anterior.

↑ SOJA

Os contratos futuros da soja com vencimentos em 2022 na Bolsa de Chicago oscilam entre US\$ 13,00 e US\$ 14,00 por bushel. Os contratos futuros com vencimentos em 2023 em Chicago oscilam entre US\$ 12,20 a US\$ 13,00/bushel. Os prêmios nos portos brasileiros estão positivos e poderão dar mais sustentação aos valores no Brasil. A temporada 2021/2022 de soja deverá contar com quebras nas safras do Brasil, Argentina e Paraguai e demandas interna e externa aquecidas. O clima favoreceu o início da semeadura e o desenvolvimento das lavouras nacionais nesta temporada 2021/2022. A safra 2020/2021 no Brasil é marcada por baixa umidade no Sul e excesso de chuvas no Norte e Nordeste, causadas pelo La Niña.

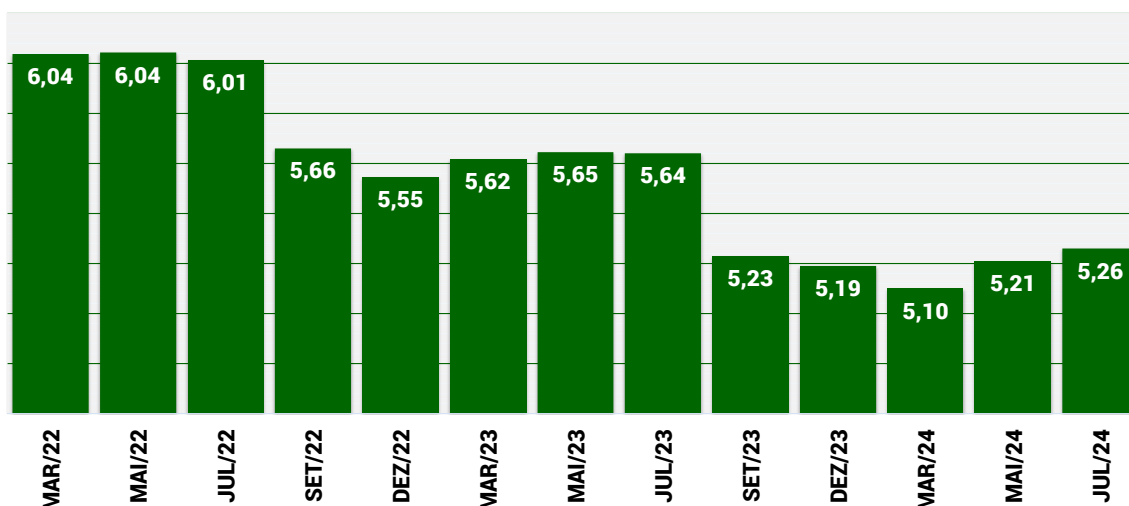
SOJA: PARIDADE DE PREÇOS CBOT & FOB PRODUTOR REGIÕES SUL/SUDESTE - R\$/60 KG - TAXA DE CÂMBIO FUTUROS B3



↑ MILHO

A tendência é de preços firmes em 2022, com viés altista no Brasil, com as quebras na safra da América do Sul. Os contratos futuros com vencimento em 2022 na Bolsa de Chicago oscilam entre US\$ 5,50 a US\$ 6,00/bushel. Já os contratos futuros para 2023 oscilam entre US\$ 5,20 a US\$ 5,65/bushel. Apesar disso, a alta de custos e a escassez de insumos poderão provocar redução da área plantada em 2022/2023 nos Estados Unidos, reforçando a tendência altista para os preços. A expectativa é de que a área plantada e a produção dos Estados Unidos serão significativamente menores no próximo ano-safra (2022/2023) em virtude da falta de fertilizantes disponíveis e do elevado custo de produção. Esse quadro é altista para o milho.

MILHO: COTAÇÕES FUTURAS NA CME/CBOT EM US\$/BUSHEL



TRIGO

A tendência é de preços firmes para o trigo em 2022, com câmbio e cotações externas elevadas. Os preços domésticos deverão subir nos próximos meses, com necessidade de importações pelo Brasil. A alta do dólar e das cotações externas elevam o custo do produto importado. A alta da rentabilidade na safra 2021 deverá estimular um novo incremento de área em 2022 no Brasil. A volatilidade do dólar e as cotações no mercado internacional devem contribuir para um viés de alta para os preços domésticos. Dessa forma, o aumento da disponibilidade interna do produto provocado pela colheita no Paraná e no Rio Grande do Sul – principais produtores nacionais – não foi capaz de causar redução nos preços.



ARROZ

A tendência é de baixa dos preços com projeção de aumento dos estoques iniciais em 2022. Os estoques de passagem maiores deverão pressionar os preços ao produto no período da colheita da safra 2022. Uma reação dos preços ao produtor em 2022 dependerá do crescimento das exportações brasileiras de arroz, que recuaram em 2021. A rentabilidade dos produtores deverá recuar em 2022, o que poderá afetar negativamente a intenção de plantio na temporada 2022/2023.



ALGODÃO

A tendência é de preços sustentados no Brasil, com cotações futuras firmes em 2022/2023. As cotações externas são sustentadas pelas altas dos preços do petróleo e pela demanda global firme. A área de cultivo deverá crescer 15% no Brasil na temporada 2021/2022 e as cotações futuras sustentadas estimularão novo aumento de área plantada em 2022/2023. O maior consumo, a produção inferior e os menores estoques de passagem mundial e nacional

devem dar suporte às cotações da pluma em 2022. Além disso, diante dos atuais patamares dos preços internacionais e da elevada paridade de exportação, os preços domésticos devem continuar firmes, com viés de alta.



AÇÚCAR

A projeção é de incremento da produtividade e da produção de cana no Brasil na próxima temporada 2022/2023, que se inicia em abril/2022. As cotações futuras do açúcar estão sustentadas em níveis elevados para os contratos com vencimentos em 2022 e em 2023. As cotações do etanol também estão sustentadas pela alta do petróleo e da gasolina no Brasil, o que deverá manter um mix da nova safra equilibrado nas usinas, com 55% da cana destinada à fabricação de etanol e 45% para a produção de açúcar. A alta da demanda pelo petróleo, o que deve manter o valor do barril elevado, favorece, por sua vez, a ênfase na produção do etanol pelas usinas brasileiras. Com isso, a tendência é de preços sustentados para o açúcar e o etanol na temporada brasileira de 2022/2023.



CAFÉ

A tendência é de preços sustentados em patamares elevados na próxima temporada 2022/2023, que se inicia em maio no Brasil. A estiagem e as geadas afetarão a produtividade e a produção no Brasil em 2022/2023. O total colhido no Brasil deverá ser baixo para uma safra de bialidade positiva, o que impedirá a recuperação dos estoques nacionais e globais – que recuaram após a forte diminuição da produção em 2021/2022. Esse cenário de oferta apertada, em meio a perspectivas de recuperação da demanda – devido à retomada econômica –, já vinha mantendo em patamares recordes os preços nominais do arábica e do robusta em 2021. As cotações futuras do arábica e do robusta para 2022 e 2023 estão em patamares elevados, com as quebras previstas para a safra brasileira 2022/2023. Os preços globais e domésticos, portanto, deverão seguir elevados na temporada 2022/2023.



LARANJA

A rentabilidade da laranja na temporada 2021/2022 foi restrita para muitos citricultores, mesmo com os preços mais altos que na safra anterior, em função da baixa produtividade registrada em praticamente todo o cinturão citrícola. Neste cenário, as expectativas para 2022/2023 são de investimentos limitados na atividade, o que possivelmente resultará em diminuições na área plantada e até mesmo de renovação de pomares. Outro fator que pode restringir os novos plantios é a alta significativa nos custos de produção e de implantação. Por outro lado, citricultores mais capitalizados estão aumentando os investimentos em irrigação, visando reduzir os riscos climáticos, que têm sido bastante altos nos últimos anos. A tendência é de preços sustentados em patamares elevados, diante da oferta restrita e dos baixos estoques de passagem de suco projetados para junho/2022 nas indústrias do setor.

DESAFIOS PARA O AGRONEGÓCIO NOS CURTO E LONGO PRAZOS

Há uma necessidade imediata de o Brasil ampliar o ritmo de abertura comercial e de negociações com novos parceiros comerciais para o agronegócio. Cadeias como as de pecuária de corte, avicultura e suinocultura necessitarão de um esforço constante de diplomacia e relacionamento com parceiros comerciais, para aberturas de novos mercados de exportação e diversificação dos destinos dos embarques. Um exemplo foi o embargo da China nos últimos meses de 2021, que manteve cargas paradas nos portos, provocando baixa de preços do boi gordo aos produtores, dada a grande dependência da nação asiáticas nos embarques brasileiros (participação acima de 50% do montante exportado em 2020 e 2021).

Em 2022 o foco das atenções estará na eleição presidencial. Isso poderá tirar energia de preocupações com a manutenção e a abertura de novos mercados para o agronegócio brasileiro. Há diversas cadeias produtivas com potencial de expansão de produção e de exportações, com as de frutas, hortaliças, florestal e carnes. Essas cadeias produtivas são grandes demandantes de insumos como fertilizantes e defensivos, bem como de serviços e equipamentos agrícolas. A sustentabilidade e a cobrança por compliance ambiental por parte das médias e grandes corporações globais se ampliará rapidamente. O Brasil precisará de ações concretas para demonstrar esforços no combate ao desmatamento ilegal, grilagem de terras e proteção aos biomas e florestas.

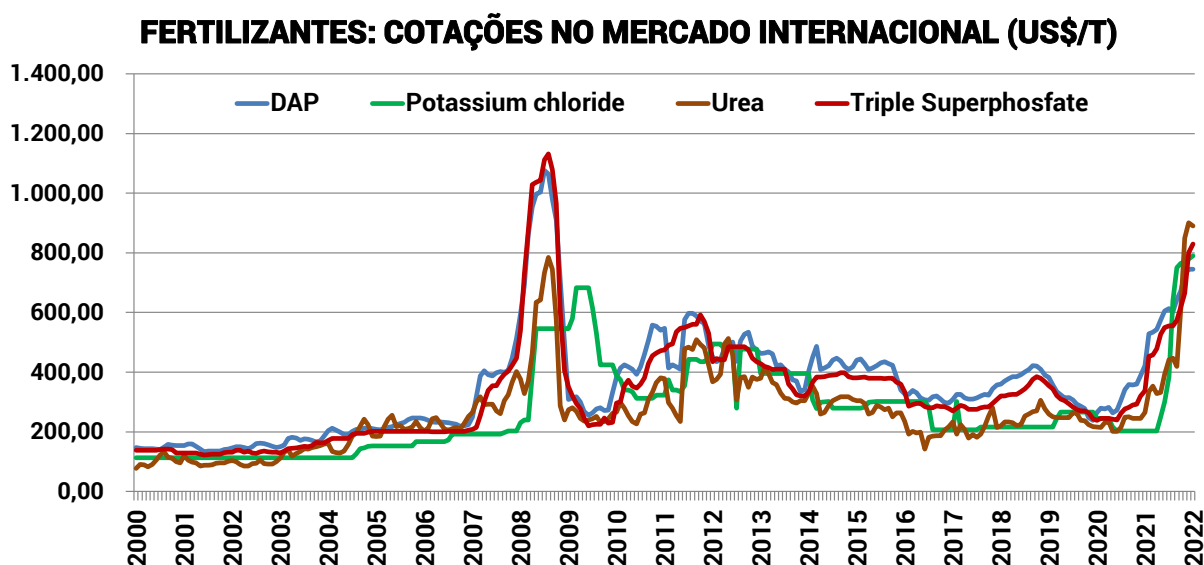
7. FERTILIZANTES: RISCO DE ESCASSEZ E PREÇOS ELEVADOS

A adubação das lavouras brasileiras de grãos da safra 2022/2023, assim como das culturas perenes, deve ficar mais cara em relação à temporada 2021/2022. A estimativa considera que uma eventual queda nas cotações internacionais dos fertilizantes deve ser compensada pelo dólar valorizado ante o Real, que encarece os insumos majoritariamente importados e tende a manter os valores pagos pelos adubos firmes ao longo de 2022 no Brasil. Isso porque os insumos necessários para a safra 2021/2022 tanto de verão quanto de inverno já foram garantidos antecipadamente para a maior parte dos produtores. **A safra de grãos 2022/2023 e as culturas perenes, especialmente cana-de-açúcar, café e laranja, tendem a sentir o maior impacto destes custos mais elevados.**

Desta forma, a demanda tende a crescer menos, mas ainda deve acompanhar o aumento na área plantada. Neste cenário, a **relação de troca**, quantidade necessária de determinada commodity para compra de uma tonelada de adubo, que se deteriorou no ano passado e atingiu os piores níveis históricos pressionada pelo aumento expressivo dos insumos, **deve ficar menos favorável ao produtor rural na temporada 2022/2023.** Ou seja, para adquirir a mesma quantidade de fertilizante, o produtor precisará desembolsar maior volume de grãos. Para a soja, que será semeada a partir de setembro deste ano, serão necessárias mais de 31 sacas de 60 Kg da oleaginosa para compra de uma tonelada de fosfato monoamômico (MAP) no ciclo 2022/2023, ante 29 sacas de 60 Kg de soja necessárias para aquisição da mesma quantidade do insumo na temporada 2021/2022.

Em relação ao milho, a relação de troca entre o grão e o cloreto de potássio (KCl) deve passar de 40 sacas de 60 Kg por tonelada de MAP em 2021/2022 para 62 sacas de 60 Kg por tonelada em 2022/2023. Quanto ao algodão, a relação de troca deve subir de 24 arrobas por tonelada de MAP para 26 arrobas e de 16 arrobas por tonelada de KCl para mais de 27 arrobas por tonelada de KCl. Esse movimento deve impulsionar os custos de produção e, conseqüentemente, pressionar a inflação das commodities. **As margens de rentabilidade dos produtores, por sua vez, devem se manter em patamares positivos, mas abaixo dos níveis vistos em 2020/2021.** Devemos ver as margens voltando para médias históricas ou até abaixo dessas.

Isso dependerá do preço final das commodities e do custo de produção, mas um recuo em relação aos excelentes patamares de 2020/2021 e 2021/2022 é o cenário mais provável. Considerando que as cotações dos adubos mais que triplicaram nos últimos meses, deveremos ter margens mais apertadas em 2022/2023. A relação de troca ao agricultor vai depender dos preços dos adubos a partir do segundo trimestre deste ano, da safra norte-americana de grãos 2022/2023 e da atual produção brasileira de soja e milho. De forma geral, com base nos preços atuais, as relações de troca ainda seriam favoráveis aos agricultores, considerando soja, milho, trigo, algodão e cana-de-açúcar. Em média, anualmente, 65% dos adubos consumidos no Brasil são utilizados na segunda metade do ano – período de plantio da safra de verão. Desse volume, a maior parte é aplicada nas lavouras de soja e milho 1ª safra.



Fonte: Cogo Inteligência em Agronegócio

Apesar do cenário de preços sustentados, deverá haver apenas reduções pontuais no volume de fertilizantes consumidos. A estimativa é de uma demanda de 44 milhões de toneladas de adubos no País em 2022, ante 43,8 milhões de toneladas em 2021. O investimento do produtor em tecnologia para as lavouras vai continuar acontecendo, porque os preços das commodities continuam atrativos, mas talvez não com o mesmo ímpeto que investiu na lavoura

anterior. O aumento do consumo também se deve ao crescimento esperado na área plantada. Os dados oficiais de entregas do acumulado do ano passado devem ser divulgados pela Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), que representa a indústria do setor, no início de março/2022. Os números mais recentes da Anda indicam entrega de 38,34 milhões de toneladas de janeiro a outubro de 2021.

A Anda não divulga estimativas próprias de entregas, mas a projeção da entidade é de aumento de 8% nas entregas em 2021, para 44 milhões de toneladas. A expectativa é de que não haverá redução expressiva na demanda de adubos neste ano, porque o produtor usa tecnologia para aumentar produtividade e as estimativas mostram que a rentabilidade é favorável. **Uma parte dos fertilizantes a serem utilizados nas lavouras de 2022/2023 já foi adquirida pelos produtores.** A estimativa é de que 20% dos fertilizantes a serem aplicados na primeira metade da temporada 2022/2023 – segundo semestre deste ano – já estão comprados pelos produtores.

O cenário mais provável é de relativa estabilidade no consumo neste ano, já que o setor produtivo discute uma eventual redução no nível de adubação que pode ser compensada pelo provável aumento de área semeada. Poderá haver uma redução na intensificação do investimento no pacote tecnológico visto nas safras passadas. Há espaço para que haja redução, principalmente em elementos que fixam no solo e que foram reforçados no ano passado, mas isso tende a ser avaliado caso a caso, pelo produtor. **Outro efeito colateral deste cenário de preços firmes é a desaceleração das compras antecipadas por parte dos produtores.** Desde 2019, agricultores vinham assegurando insumos para lavouras com significativo adiantamento – ritmo que vem caindo desde o avanço expressivo dos adubos.

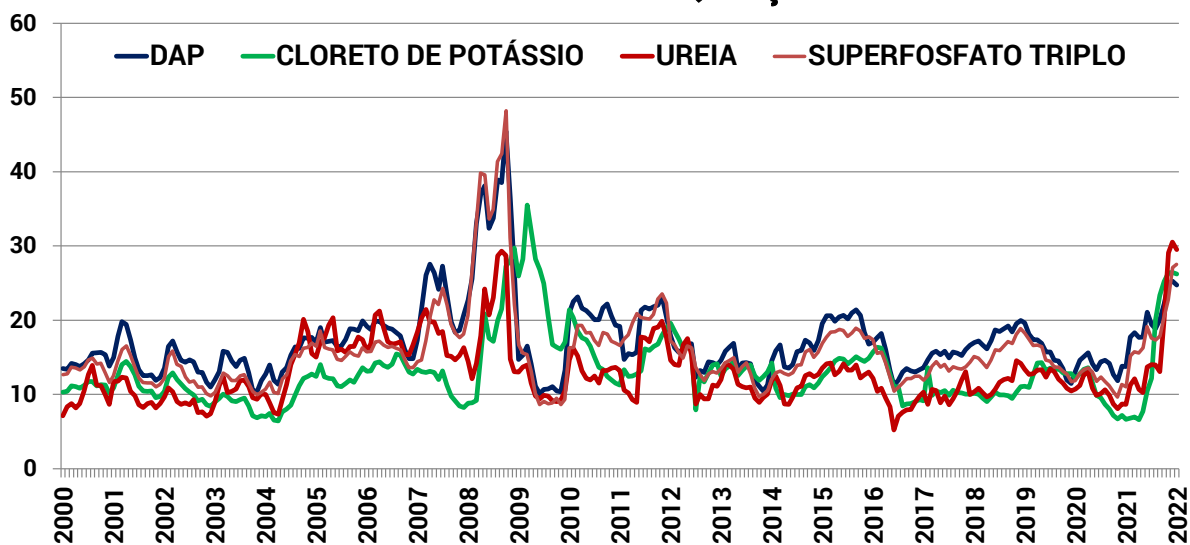
Provavelmente, **haverá concentração de compras no fim do primeiro semestre e início do segundo semestre para uso na safra 2022/2023.** O produtor tem incertezas em travar a compra adiantada em virtude da relação de troca, mas tende a fazer compras mais distribuídas aproveitando oportunidades de mercado. **A concentração das compras pode gerar um acúmulo nas entregas e possivelmente gargalos logísticos.** A preocupação é com a soma de pequenos fatores que podem atrasar a logística das entregas e afetar a disponibilidade do insumo na fazenda no período adequado. A logística é sempre um ponto de atenção. Há incertezas de que os navios com adubos importados cheguem no momento adequado e que o calendário de plantio será cumprido corretamente.

A preocupação com os riscos de desabastecimento de alguns ativos ainda permanece. No ano passado, rumores de possível falta de alguns ativos à medida que Rússia e China restringiram as exportações e Estados Unidos embargaram Belarus foram a tônica dos últimos meses no mercado brasileiro. A ministra da Agricultura, Tereza Cristina, visitou vários países produtores de adubos, pedindo garantia no fornecimento ao Brasil. A falta de nutrientes não se concretizou, mas a apreensão com uma eventual falta de insumos continua neste ano. Há riscos que precisam ser monitorados para que sejam minimizados. **O risco real que deverá ser monitorado é a oferta global não acompanhar o crescimento da demanda.**

Como o Brasil importa entre 80% e 85% do consumo doméstico, estaria exposto a riscos de oferta. Se o volume ofertado de adubos em 2021 se mantiver neste ano, o abastecimento do Brasil não será comprometido. Se as exportações da Rússia para o Brasil seguirem normalmente como o prometido e embarques de Belarus continuarem, as entregas necessárias ocorrerão normalmente para a próxima safra. **O maior risco é que o Brasil poderá ter é no fornecimento de potássio para a safra 2022/2023**, em meio às sanções dos Estados Unidos às companhias da Belarus de cloreto de potássio (KCl). Há um risco concreto de desabastecimento, se a sanção realmente interromper o fluxo de exportação da Belarus, porque o volume é muito grande.

Vale lembrar que 20% do cloreto de potássio (KCl) importado pelo Brasil vem de Belarus e 98% do KCl consumido internamente é oriundo de importações. Apesar de a sanção de negócios estar voltada às empresas norte-americanas, o embargo afeta o Brasil porque o pagamento das compras brasileiras, feito em dólar, passa por bancos norte-americanos e por meio deles é destinado aos fornecedores da Belarus. As instituições financeiras norte-americanas também estão sujeitas à medida e estarão impedidas de efetuar as remessas às empresas sancionadas na Belarus. De modo concreto, há risco de oferta insuficiente de KCl se essa situação prevalecer até abril – quando novas sanções entrarão em vigor.

SOJA: SACAS NECESSÁRIAS PARA AQUISIÇÃO DE 1 TONELADA



Fonte: Cogo Inteligência em Agronegócio

Os preços pagos pelos fertilizantes no Brasil tendem a continuar elevados em 2022. Uma eventual queda nas cotações internacionais, prevista para o segundo semestre deste ano, poderá ser anulada pela valorização do dólar ante o Real, o que encarece os insumos majoritariamente importados. No Brasil, os preços devem continuar elevados por conta do dólar. O cenário para este ano, com eleições, traz bastante incerteza cambial e as projeções apontam que o dólar não deve ceder da casa dos R\$ 5,60, o que traz impacto às cotações locais.

Uma retração dos preços internos de insumos importados não pode ser descartada, a depender dos fundamentos de mercado ao longo deste primeiro semestre. Contudo, se ocorrer, será menor do que a baixa prevista para as cotações internacionais. Em suma, 2022 deverá ser um ano de volatilidade cambial.

FERTILIZANTES: A DEPENDÊNCIA DAS IMPORTAÇÕES NO BRASIL		
PROJEÇÕES PARA 2022		
MATÉRIAS PRIMAS	% DO USO IMPORTADO	FORNECEDORES
NITROGENADOS (N)	95%	Rússia, China e países do Oriente Médio
FOSFATADOS (P)	75%	Marrocos, China, Rússia e Arábia Saudita
POTÁSSIO (K)	91%	Bielorrússia, Canadá e Rússia

Fontes: COMEXSTAT, ANDA e ANDAV

Elaboração: Cogo Inteligência em Agronegócio

Caso o período de aquisição de insumos coincida com dólar mais forte ante o Real, esse movimento pode amortecer uma possível queda dos preços no exterior. Entretanto, a alta das cotações encontra um teto na demanda, que não absorve integralmente o aumento contínuo dos preços. **As relações de troca, quantidade de determinado grão necessária para compra de uma tonelada de adubo, estão nos piores patamares dos últimos anos, o que limita novas altas.** Em 2021, os principais nutrientes importados registraram alta expressiva nos valores indicados nos portos brasileiros. O valor de importação da ureia – referência para preço de nitrogenados – colocada em porto brasileiro aumentou 195% entre janeiro e dezembro de 2021, encerrando o ano com média de US\$ 820 por tonelada.

O fosfato monoamômico (MAP) avançou 109% no acumulado do ano, para US\$ 860 por tonelada. O cloreto de potássio (KCl) subiu 22% na mesma base comparativa, alcançando US\$ 790 por tonelada em dezembro. Os preços elevados são uma consequência do crescimento global da demanda, que não foi acompanhada pela elevação da oferta na mesma proporção. Mas o dólar estará favorável às exportações das commodities agrícolas, mantendo a rentabilidade dos agricultores. **O câmbio deverá seguir instável até a eleição, o que influencia tanto os fertilizantes quanto os preços mais rentáveis de venda dos grãos pelos agricultores.** O produtor vai fazer as contas para a compra de adubo e a venda da commodity em dólares. Para a exportação, o câmbio forte é sinal de maior rentabilidade, mas traz entendimento ao mercado de que preços dos adubos devam permanecer altos por mais um período.

O Brasil importa 80% a 85% do volume de adubos consumido anualmente – cerca de 40 milhões de toneladas – e, por isso, as cotações locais estão sujeitas às oscilações internacionais e ao câmbio. O cenário global de consumo de adubos é de desaceleração dos preços no médio e longo prazo. Já a conjuntura apertada de oferta permanece no radar do mercado internacional. Os principais drivers de oferta no primeiro semestre deste ano serão a implantação da cota russa para exportação de nitrogenados, a permanência das restrições chinesas nas vendas externas de adubos e as sanções norte-americanas e europeias à Belarus. **No mercado internacional, a perspectiva é de manutenção das cotações elevadas no primeiro trimestre deste ano, com acomodação graduais dos preços no segundo trimestre e tendência de arrefecimento nos preços do complexo NPK (nitrogênio, fósforo e potássio – principais macronutrientes) a partir do segundo semestre.**

Esse primeiro período do ano, até a metade do primeiro semestre, será um período de maior restrição na oferta e maior demanda com compras dos produtores do Hemisfério Norte. Na segunda metade do ano, deverá haver um alívio gradual nos fatores de abastecimento que limitam a retração, o que forneceria condição para o viés de queda dos preços. Entre os fatores que podem melhorar a partir do segundo semestre e contribuir para aumento da oferta, estará o fim da cota russa para exportações de nitrogenados e um retorno da produção industrial da China após a crise energética. A oferta ainda não retomará o patamar pré-Covid, mas o indicativo é de um cenário de maior alívio, ainda dependendo destes fatores que irão se desenrolar.

Os fortes preços internacionais esperados para o primeiro semestre deste ano devem ser sentidos primeiro pelos produtores norte-americanos, que plantam a safra de grãos 2022/2023 à frente dos brasileiros e estão na janela de compra de adubos. Dessa forma, os Estados Unidos devem ser afetados em maior grau pela manutenção de preços na primeira metade do ano (safra de grãos 2022/2023). Uma eventual diminuição na compra norte-americana poderia ser mais um fator de pressão no mercado, mas os principais fatores que direcionarão os preços para as aquisições brasileiras no segundo semestre são os relacionados à produção. O espaço para a queda dos preços internacionais ainda é limitado.

A oferta deverá ficar menos pressionada com a normalização do uso de energia para produção dos adubos e uma alta não tão considerável da demanda. **Deveremos ter um balanço entre oferta e demanda um pouco mais equilibrado a partir do segundo trimestre de 2022, mas o custo de produção dos fertilizantes ainda estará muito elevado, o que contribui para manter os preços.** Outro ponto que pode frear essa baixa das cotações é o fato de o fim da janela de compras do Hemisfério Norte ser prosseguido pelo período de aquisição da América do Sul, sustentando a demanda. A tendência é de termos uma redução na preocupação com disponibilidade, mas não significa que haja queda expressiva dos preços.

O recrudescimento da pandemia de Covid-19, embora possa não afetar novamente a oferta de adubos, traz um alerta a possíveis atrasos globais na logística de entrega dos

insumos. A perspectiva é de acomodação e arrefecimento nos preços dos nitrogenados e fosfatados. Entretanto, para os potássicos, o cenário ainda é de manutenção dos preços elevados após o endurecimento das sanções norte-americanas e europeias a fornecedores de KCl da Belarus. **Ao longo do segundo trimestre de 2022, poderemos ver recuos graduais dos preços do nitrogênio e do fósforo.**

Para o potássio, a projeção é de uma queda mais branda, mas, com os embargos mais recentes, não há chance de recuo expressivo, caso as sanções norte-americanas realmente interrompam o fluxo significativo de exportações da Belarus – que responde por 20% do mercado global do macronutriente. No início de dezembro/2021, algumas sanções entraram em vigor, incluindo a proibição de negócios entre empresas dos Estados Unidos e a estatal bielorrussa Belaruskali, produtora de potássio. Outras, contudo, passarão a ser válidas a partir de 1º de abril, incluindo embargos à estatal Belarusian Potash Company (BPC), comercializadora do insumo e responsável pela maior parte das exportações de KCl do país. Há, de fato, um risco concreto de desabastecimento, se a sanção realmente interromper o fluxo de exportação da Belarus, porque o volume originado naquele país é muito grande.

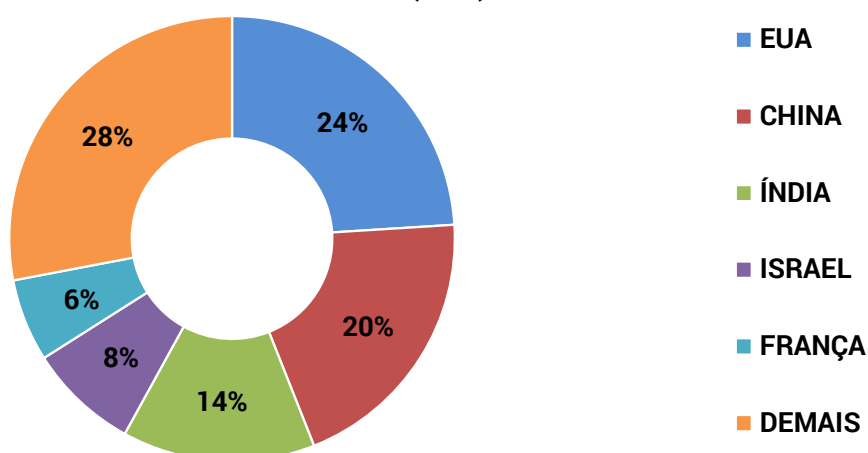
8. DEFENSIVOS: RISCOS DE ESCASSEZ E ALTA DE PREÇOS

Há um risco de escassez de glifosato e outros herbicidas utilizados nas lavouras brasileiras em 2022. O glifosato é a base para o plantio direto e não existe um substituto para ele. Se houver falta do herbicida, o Brasil terá que trabalhar com mais de um produto combinado para ter uma eficiência menor com custo muito mais alto, a fim de suprir a deficiência do insumo. O glifosato é utilizado para a dessecação na lavoura, matando ervas daninhas. **Os fabricantes de agroquímicos, distribuidoras de insumos e cooperativas agrícolas têm estoque somente 30% do volume de herbicidas necessário para atender à demanda de produtores brasileiros para a 2ª safra de milho de 2022.** Há possibilidade de escassez de diversos herbicidas utilizados nas lavouras do cereal a partir de fevereiro ou março, caso o ritmo de produção de insumos para produção de herbicidas na China não seja retomado. O país reduziu o consumo de energia por causa da oferta de carvão e metas climáticas, o que tem afetado a atividade industrial e causado gargalos logísticos no mercado internacional.

A falta de herbicidas em 2022 também pode levar a um encolhimento do mercado em volume, mesmo que haja um crescimento em valor, em virtude do aumento dos preços dos produtos, decorrente da oferta escassa. Em 2022 deve haver uma turbulência, um encolhimento em volume do mercado, ainda que um aumento em valor. Em uma eventual escassez do glifosato, os agricultores poderiam recorrer herbicidas pré e pós emergência (da erva daninha), mas teriam de utilizar mais de um produto para fazer o efeito do glifosato. Não há produtos (pré e pós emergência) de espectro amplo, então o produtor tem que utilizar uma combinação de herbicidas, e isso tem um impacto no custo. Quando surge uma planta daninha resistente ao glifosato, aumenta de três a quatro vezes o custo do manejo. **A 2ª safra de 2022 ficará mais vulnerável à volatilidade de preços e à falta de produtos. O preço do glifosato já aumentou cerca de 300% desde setembro/2021.**

Além das lavouras de soja, milho e algodão, também são dependentes do glifosato as plantações de café e citros e, em pequena proporção, as de cana-de-açúcar e a horticultura. Os fabricantes de agroquímicos, distribuidoras de insumos e cooperativas agrícolas têm estocado somente 30% do volume de herbicidas necessário para atender à demanda de produtores brasileiros para a 2ª safra de milho de 2022. Há a possibilidade de escassez de diversos herbicidas utilizados nas lavouras do cereal. **Os estoques das revendas de insumos, cooperativas e de empresas mais organizadas, que anteciparam compras, é que garantiram a safra de verão no Brasil.** Porém, com a chegada da época de implantação da 2ª safra, as reservas de glifosato, glufosinato, acefato, mancozeb e outros herbicidas vão estar esgotadas. As reclamações de falta de produto até agora foram pontuais.

DEFENSIVOS: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR ORIGENS EM 2021 (US\$)



Fonte: Cogo Inteligência em Agronegócio

A oferta limitada de herbicidas está relacionada à crise energética na China, resultante da escassez de carvão no país e, também, de metas do governo chinês de redução de emissões de gases estufa. Esse contexto levou a administração local a limitar o consumo de eletricidade para cada zona do país, o que afetou províncias produtoras de fósforo amarelo, principal matéria-prima de herbicidas amplamente usados nas lavouras brasileiras, como o glifosato. Fábricas das províncias de YunNan e Jiangsu, localizadas na chamada "zona vermelha", sofreram redução de até 90% na disponibilidade de energia para consumo no final do ano de 2021. **A oferta chinesa de matérias-primas para herbicidas não é trivial: do país saem 32% dos insumos importados pelo Brasil.** Outros países têm peso menor no abastecimento da indústria nacional: a Índia fornece ao redor de 11% de princípios ativos e insumos, bem como os Estados Unidos.

Dado que o ciclo de importação de insumos da China pelo Brasil demora de 60 a 90 dias, o setor espera que a logística de transporte de insumos e a produção chinesa retomem o ritmo

rapidamente. **Se até janeiro/2021 não houver clara melhoria na logística e retomada da produção, haverá problemas no Brasil, a partir de março.** Resolver a crise de abastecimento de matérias-primas para a indústria de defensivos, contudo, tende a ser mais complexa do que a negociação do governo brasileiro para garantir a entrega de fertilizantes ao Brasil em 2022. Isso porque o mercado chinês de insumos é mais pulverizado do que o mercado global de fertilizantes, concentrado em poucos e gigantes fabricantes. A conversa com a China sobre princípios ativos para defensivos é mais difícil porque tem muito mais empresas no meio, mas a argumentação com o governo chinês é a mesma: mostrar que há uma interdependência, e que o resultado do desequilíbrio no mercado brasileiro vai voltar para os chineses. Vale a lembrar que 75% da soja brasileira se destina à China e que o país é um grande consumidor de carne suína, cuja produção é altamente dependente de milho, usado na ração do plantel.

9. COMBUSTÍVEIS: PREÇOS DEVERÃO SEGUIR ELEVADOS

Os preços dos combustíveis no Brasil devem continuar pressionados em 2022, ainda que em patamares inferiores ao visto no ano passado. Além da pressão da alta do barril do petróleo no mercado internacional, a gasolina pode ser influenciada pelo câmbio, que tende a ter certa volatilidade em um ano de eleições. Os países exportadores de petróleo, juntamente com os seus aliados, confirmaram o plano de elevação de oferta da commodity se balizando no risco da nova onda de Covid-19 reduzir a demanda. O resultado serão preços pressionados para cima por mais algum tempo. A Organização de Países Exportadores de Petróleo e aliados (OPEP+) informou que irá manter seu plano de elevar a oferta da commodity em 400 mil barris por dia em fevereiro. A OPEP afirma que o mecanismo de compensação será estendido até junho. O preço do petróleo ficou muito volátil nos últimos meses com o aumento dos casos da variante Ômicron e a tendência daqui para a frente é de alta.

Há um processo de recuperação econômica e, também, uma oferta mais limitada do petróleo, o que significa preço mais elevado. Na Petrobras, especificamente, a política de preços deve ser levada em consideração. O Brasil está entrando em um ano eleitoral e já existe uma agenda populista do governo em alguns setores. Os preços dos combustíveis praticados pela Petrobras junto às refinarias começaram a baixar nas últimas semanas, mas essa direção pode não ser mantida. O risco de intervenção na Petrobras ainda é muito presente para 2022 dentro do governo e na política de preços da estatal. Além disso, há também uma questão mais estrutural da produção. Com a onda ESG e a migração dos investimentos para outros tipos de energia, a oferta pode ser menor no futuro, pressionando um pouco mais os preços do petróleo daqui para a frente.

Entre os pontos que podem favorecer a alta no preço do petróleo está também a expectativa de continuidade da recuperação da atividade econômica mundial, ainda que com alguma limitação por conta da retirada de estímulos em alguns países que já anunciaram, inclusive, aumento das taxas de juros. Ao divulgar o seu Plano de Negócios para 2022 até 2026, em novembro/2021, a Petrobras informou que considera um petróleo Brent médio de US\$ 72 por barril neste ano, uma forte elevação ante os US\$ 45 o barril previsto no plano anterior para

2022. O preço do barril de petróleo pode ficar entre US\$ 75 e US\$ 80 em 2022. O preço da gasolina e do etanol dispararam em 2021. Dezembro de 2021 fechou com a gasolina custando, em média, R\$ 6,890 nos postos de abastecimento, alta de 46,7% em relação ao mesmo mês do ano anterior, quando custava R\$ 4,696. Já o etanol, com valor médio atual de R\$ 5,779 em dezembro de 2021, registrou acréscimo de 56,5% em relação a dezembro de 2020.

10. LOGÍSTICA: CENÁRIOS PARA OS PREÇOS E DISPONIBILIDADES

As empresas estão se preparando para aumentos mais acentuados nos preços de remessa e logística em 2022, depois que os custos da cadeia de suprimentos dispararam na corrida para movimentar as mercadorias durante a pandemia. Provedores de transporte e logística estão buscando grandes aumentos nos preços dos contratos para 2022, sinalizando que **a pressão inflacionária impulsionada pela forte demanda e capacidade restrita nos mercados de frete deverá persistir**. Com a alta demanda de transporte ainda superando a capacidade apertada em todo o setor de frete, as operadoras de transporte têm influência para aumentar os preços ao negociar novos contratos. Executivos de transporte marítimo dizem que esperam que as taxas definidas em contratos anuais dobrem em comparação com os acordos firmados no início de 2021, antes que os gargalos da cadeia de abastecimento reduzam a capacidade. Algumas empresas de transporte projetam um crescimento de dois dígitos nas taxas de contrato para 2022.

Os preços têm subido em todo o setor de frete, incluindo entrega de encomendas, transporte por caminhão, transporte marítimo e armazenamento. A maioria dos contratos de transporte de carga é negociada anualmente, embora muitos grandes remetentes possam ter acordos plurianuais com uma variedade de transportadoras. Os preços na maioria dos mercados de transporte de carga e logística geralmente oscilam entre as taxas de contrato de longo prazo estáveis e os preços do mercado à vista, que são mais sensíveis às mudanças na demanda e à disponibilidade de capacidade. Os preços nos mercados à vista de transporte marítimo, transporte rodoviário e outros serviços de logística aumentaram fortemente. No geral, as taxas de envio doméstico para movimentação de mercadorias por rodovia e ferrovia nos Estados Unidos aumentaram 23% este ano a partir de 2021. Uma medida separada no Índice de Gerentes de Logística que rastreia os preços gerais de logística, incluindo transporte, armazenamento e preços de estoque, atingiu um recorde, com um aumento de 14% ano em um ano. O índice foi lançado em 2016.

As empresas de transporte e outras firmas de logística observam custos mais elevados, incluindo o aumento dos salários, pois procuram trabalhadores em um mercado com mão de obra escassa. Enquanto tivermos uma inflação subjacente em toda a economia, veremos a inflação se refletir no custo dos bens e serviços, incluindo transportes. As taxas de contrato podem subir de um a dois dígitos em 2022. Por outro lado, espera-se que os aumentos de preços sejam moderados à medida que a demanda por transporte diminuir e as empresas terminarem de repor os estoques esgotados. Isso não está previsto que se estenda até 2023. Todo o ano de 2022 é visto como um mercado com capacidade limitada, pressão inflacionária e com

interrupções de equipamento significativas. Os preços de remessa de encomendas mais próximos dos consumidores estão subindo no ritmo mais rápido em uma década, à medida que a demanda impulsionada pela pandemia transfere o poder de precificação para as transportadoras que entregam pacotes para residências e empresas.

As gigantes da entrega FedEx e United Parcel Service disseram que as taxas subiriam em média 5,9% em 2022 na maioria dos serviços, a primeira vez em oito anos que ambas as empresas tiveram aumentos anuais acima de 4,9%. **Os preços para o transporte de contêineres marítimos provavelmente atingirão recordes nos contratos anuais** que geralmente são negociados no início do ano para a alta temporada de embarques. O preço à vista para enviar um contêiner de 40 pés de Xangai para Los Angeles foi 75% mais alto do que no mesmo período do ano passado. A taxa contratada para enviar um contêiner de 40 pés da Ásia para a costa Oeste dos Estados Unidos pode dobrar em 2022 para entre US\$ 6,5 mil e US\$ 7 mil. Em 2019, a empresa pagou às transportadoras marítimas US\$ 1,5 mil pelo mesmo serviço. As transportadoras estão totalmente no controle. Já no transporte rodoviário, a perspectiva de taxas mais altas em 2022 segue uma forte alta no preço dos contratos que as empresas negociam com outras do setor de transporte e corretoras de mercadorias.

Para evitar competir pela escassa capacidade de transporte no mercado aberto, alguns varejistas e fabricantes estão cancelando os contratos existentes com as transportadoras para 2022 em troca de aumentos moderados de preços. **O custo de armazenamento de mercadorias também deve aumentar mais rapidamente** à medida que os custos de mão-de-obra de armazéns estão aumentando e os proprietários das instalações buscam preços elevados para substituir os arrendamentos vencidos que permitiram às empresas contornar os aluguéis acentuadamente crescentes durante 2021. Os preços de arrendamento de propriedades industriais aumentaram 25% em média em relação às taxas pagas pelos inquilinos no final dos arrendamentos de cinco anos que expiraram em dezembro de 2021. Os proprietários estão relutantes em concordar com novos arrendamentos de longo prazo que durem nas atuais taxas de mercado, argumentando que a capacidade restrita levará ao aumento dos preços nos próximos anos.

Cinco anos depois, os aluguéis serão mais altos. Portanto, é do interesse dos proprietários investidores fazer um arrendamento de curto prazo agora. Os operadores logísticos terceirizados que fornecem serviços de distribuição e execução também estão repassando os custos de mão de obra mais elevados para seus clientes, à medida que a concorrência pelos funcionários do depósito aumenta os salários. Os remetentes estão tentando várias maneiras de conter a inflação do transporte, como consolidar mais cargas para minimizar as viagens de caminhão e alugar reboques para armazenamento, em vez de pagar o aumento do aluguel do armazém. Por outro lado, as empresas têm pouca escolha a não ser absorver o custo ou repassá-lo aos clientes. No geral, o transporte raramente ultrapassa mais de 7% do custo das mercadorias enviadas.

Consequência da recuperação da economia mundial, **o crescimento da demanda por transporte marítimo resultou em um forte encarecimento dos fretes que ameaça a retomada global** e força o aumento de preços. Se o problema persistir em 2022, os preços dos produtos importados poderão subir até 11%. Caso isso ocorra, os preços para os consumidores aumentarão 1,5% até 2023, conforme projeções da Agência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (Unctad) em relatório sobre transportes marítimos. Países menos desenvolvidos devem ser mais prejudicados do que os demais. No Brasil, a alta da inflação por conta desse problema pode alcançar 1,2%, menos do que a média projetada para o mundo. Mas a situação interna está longe de ser mais tranquilizadora do que a de outros países, pois problemas específicos, como desvalorização da moeda muito mais acentuada do que em outros países e a lenta evolução da produção e do emprego, continuam a pairar sobre a economia.

Incertezas no plano político igualmente pressionam os preços internos. A pandemia mudou as formas e a intensidade do consumo em todo o mundo. Tendo de ficar mais tempo em casa, com grandes restrições a atividades públicas, as pessoas passaram a utilizar mais os sistemas de compras online, sobretudo de bens e menos de serviços. Demandas por computadores e outros eletroeletrônicos cresceram exponencialmente, o que gerou problemas de suprimento de componentes, como os semicondutores. **À medida que cresce a demanda, a cadeia de suprimentos se interrompia em vários pontos, afetando a produção.** À limitada capacidade de suprimento de diversos itens juntaram-se outros obstáculos ao comércio internacional. **De início, o transporte marítimo mundial foi afetado pela falta de contêineres. Agora soma-se a alta dos fretes.**

O índice de custo do transporte de um contêiner intermodal de 1 TEU (medida padrão de um contêiner) na rota Xangai-Europa passou de US\$ 1.000,00 em junho/2020 para US\$ 4.000,00 no final daquele ano, chegando a US\$ 7.395,00 no fim de julho de 2021. **Estima-se que 80% do comércio mundial é feito por navios. O aumento dos fretes terá um profundo impacto no comércio e vai solapar a recuperação socioeconômica,** especialmente nos países em desenvolvimento, até que as operações de transporte marítimo voltem à normalidade. O relatório da Unctad compara o desempenho de portos brasileiros e colombianos, e o resultado é ruim para o Brasil. Para operações de descarga, a espera média num porto colombiano é de um dia; no Brasil, cinco dias e meio. Para carga, o Brasil é o país que tem a maior espera na lista da Unctad, de mais de uma semana. Ou seja, países que dispõem de infraestrutura portuária eficiente podem amenizar os impactos desse custo. Já para os menos eficientes o prejuízo certamente será maior, mais uma das muitas razões para o Brasil superar o quanto antes o persistente atraso nesse setor.

11. CÂMBIO: VOLATILIDADE E VIÉS DE ALTA EM 2022

A tendência é de elevada volatilidade do câmbio no Brasil em 2022. O dólar acumula alta de 9% neste início de ano e as projeções no mercado para 2022 são de muita volatilidade e de nova rodada de depreciação do Real. Podemos listar ao menos **cinco fatores que devem pesar**

contra a moeda brasileira ao longo de 2022: fraqueza da economia, com possível retração do Produto Interno Bruto (PIB), inflação ainda elevada, incertezas provocadas pelas eleições, processo de alta de juros nos Estados Unidos e incertezas sobre a evolução da pandemia de Covid-19. Em meio a isso, **a projeção para a faixa de oscilação é bem ampla, indo de R\$ 5,20 a R\$ 6,20.** A demanda por dólar não deve ter tanta retração em 2022, dadas as condições econômicas no mundo, de crescimento não tão elevado e inflação alta. No Brasil, a demanda para proteção tende a persistir, por causa do nível de juros e da inflação, além da incerteza econômica, fiscal e eleitoral.

A tendência da dívida pública é aumentar mais em 2022 e, por isso, é difícil arrefecimento grande do dólar até pelo menos as eleições, em outubro. Não está no radar uma grande queda da inflação só pelo efeito da atividade fraca, com fluxo negativo de câmbio e o cenário de imprevisibilidade da política econômica, das eleições e do custo de oportunidade, uma vez que o juro real no País está negativo (taxa ex-post) e precisa ser maior para desestimular a demanda por hedge cambial. **Enquanto o PIB brasileiro deverá ter um crescimento pífio em 2022, em contraposição, o PIB global deve avançar cerca de 4,5% este ano.** Esse diferencial é bem relevante do ponto de vista do câmbio. Quem entrega crescimento tende a ter uma apreciação de sua moeda, porque vai fomentar entrada de recursos, seja para portfólio ou investimento direto.

A percepção sobre a capacidade de crescimento da economia brasileira é cada vez menor. E isso está ligado não apenas ao atual ciclo de aperto monetário, que deve se estender pelo primeiro trimestre de 2022, mas também a questões estruturais, como a política fiscal. **O quadro de crescimento do Brasil em relação ao resto do mundo voltou a ser negativo. Isso é um fator importante para a taxa de câmbio.** Além de não crescer, o Brasil não inspira confiança do ponto de vista fiscal. Apesar da redução da relação dívida líquida/PIB em 2021, a percepção é de deterioração da gestão das contas públicas, o que lança dúvidas sobre a sustentabilidade da trajetória da dívida – ainda mais diante das incertezas provocadas pelas eleições presidenciais. Os dois líderes nas intenções de voto para o pleito de 2022 – o presidente Jair Bolsonaro e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva – são populistas, “de direita e da esquerda”, e não parecem tão preocupados com a manutenção de regras fiscais que garantam o equilíbrio das contas públicas.

Ninguém sabe qual vai ser a política econômica do próximo governo. Essa indefinição tende a desestimular o fluxo de capitais, considerando que as chances de vitória de um candidato da chamada terceira via, em tese mais palatável ao mercado, é hoje bem reduzida. A combinação de fragilidade fiscal com eleições presidenciais é um fator de risco para a trajetória do Real ao longo de 2022. O dólar pode se aproximar de R\$ 6,00 e, em alguns momentos, ultrapassar esse patamar. Incertezas com a evolução da pandemia de Covid-19 ainda devem afetar os mercados, além do fator eleitoral. A movimentação política e pesquisas eleitorais deverão começar a influenciar mais a precificação do dólar quando forem definidas as candidaturas e delineados os programas econômicos dos candidatos à Presidência, por volta de abril. Aos problemas domésticos se soma um ambiente externo mais desafiador para os

países emergentes, por conta do processo de normalização das políticas monetárias nos países desenvolvidos.

Por isso, não se espera melhora do fluxo de capitais para o País. Não é o juro alto no Brasil que vai chamar o investidor estrangeiro para a renda fixa e a bolsa, com a atividade fraca e imprevisibilidade política. **Mesmo com a taxa Selic podendo fechar o atual ciclo de aperto próxima dos 12% ao ano, a atratividade de fluxo estrangeiro pelo Brasil pode ser baixa em 2022.** O Federal Reserve (Fed, o Banco Central dos Estados Unidos) já anunciou que deve encerrar o seu programa mensal de compra de ativos em março/2022 e acenou, por meio das projeções de seus dirigentes, com ao menos três elevações de taxa de juros – hoje na faixa entre 0% e 0,25%. Por outro lado, o Banco Central Europeu (BCE) anunciou o começo da redução de seu programa de estímulos monetários, que deve se encerrar também em março/2022. Poderemos ver alguma migração de recursos para os Estados Unidos, o que vai gerar depreciação de moedas de países emergentes e de ativos de risco em geral.

12. CRÉDITO RURAL E PLANO-SAFRA: RECURSOS ESCASSOS

Segundo o Ministério da Agricultura, **os desembolsos de crédito rural no Plano Safra 2021/2022 cresceram 24% em relação ao mesmo período da safra anterior.** As liberações de custeio cresceram 25% e as de investimentos registraram alta de 13%. **Os recursos destinados aos investimentos em máquinas agrícolas, armazenagem e irrigação se esgotaram rapidamente no Plano Safra 2021/2022.** O cenário para a agricultura brasileira em 2022 passa pelo imenso desafio da inflação de custos agrícolas. Isso irá aumentar a demanda por crédito e recursos para subvenção de seguro rural dentro do Plano Safra 2022/2023. O Plano Safra 2022/2023, principal política pública brasileira de crédito para agricultura, prevê recursos para uso de 1º de julho de 2022 a 30 de junho de 2023, ou seja, para custeio e investimento da safra que será plantada a partir de setembro do ano que vem.

O Ministério da Agricultura entende que precisará de mais recursos para subvenção da safra 2022/2023 em virtude da elevação de custos para produção agrícola em meio à restrição orçamentária. Mas o cenário é de restrição orçamentária muito forte em 2022. Por isso, o trabalho é para destravar e modernizar ferramentas financeiras ao produtor rural. O Mapa está em busca de ajustes legais para que seja possível incrementar finanças privadas no crédito ao agro. Entre esses instrumentos está a Cédula de Produto Rural (CPR) Verde. No aspecto das finanças privadas, a expectativa é de que com esses mecanismos haja possibilidade de driblar a limitação de recursos para 2022.

Outro desafio de crédito ao setor será ampliar o crédito rural focado em fomento à sustentabilidade. O governo trabalha em incentivar cada vez mais este crédito e a alta na demanda deve gerar concorrência por recursos que estão escassos. Os elevados custos agrícolas devem pressionar ainda o aumento dos recursos para subvenção do prêmio por seguro rural, já que as lavouras e as commodities estão mais caras. **Porém, com a taxa Selic em alta, o crédito dos agentes privados para investimentos em máquinas e equipamentos**

agrícolas, silos, irrigação e outros segmentos ficará elevado em comparação com as últimas duas safras, **o que poderá levar ao resfriamento da intenção de aquisição de máquinas e equipamentos agrícolas, silos graneleiros e sistemas de irrigação em 2022.**

13. CENÁRIOS DE INSUMOS INDUSTRIAIS

AÇO

Com a desaceleração no consumo de aço estimada para este ano de 2022, **os constantes reajustes de preços que ocorreram em 2021, até por volta de julho, não deverão se repetir no mercado brasileiro.** Segundo o Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda), não há espaços para o movimento de alta de preços de produtos siderúrgicos, porque a oferta está regularizada no Brasil. Com o prêmio entre 0% e 5% na comparação com o material importado, daria para esperar reajustes, se a oferta de produtos estivesse baixa. Mas hoje não há esse problema. A expectativa de alta nas vendas de produtos de aços planos pelos distribuidores neste ano é de 3%.

SEMICONDUCTORES

A escassez global de semicondutores, que paralisou indústrias de diferentes setores no mundo todo, incluindo o Brasil, vai continuar em 2022 e pode entrar em 2023 também, por conta do descasamento entre oferta e demanda. De 2020 a 2022, a ampliação da capacidade produtiva das fabricantes está na casa dos 6%, enquanto a demanda registra alta de 17%. Mas o problema não é só esse. Os microchips são usados em carros, computadores, celulares e vários outros produtos, mas o setor mais afetado foi o automotivo. A maior parte dos veículos usa semicondutores mais antigos, e as fabricantes priorizam o atendimento de clientes que usam as novas gerações. Um dos motivos é porque garantem melhor retorno financeiro, segundo conclusão do mais recente estudo global da consultoria Roland Berger. Atualmente, veículos a combustão usam apenas 5% de semicondutores mais avançados, e os elétricos, 50%. O foco maior dos novos investimentos é a ampliação da produção dos chips mais avançados, o que não vai aliviar a situação das montadoras.

As empresas de capital de risco devem colocar mais de US\$ 6 bilhões em fabricantes de chips no próximo ano. Há novas fábricas sendo erguidas, mas levam em média dois a três anos para ficarem prontas. A escala de consumo também pesa contra as montadoras. A linha de iPhone da Apple é mais importante para o produtor do que toda a indústria automotiva, o que tira poder de barganha das empresas do setor, assim como prioridade no atendimento. Em 2021, a indústria mundial perdeu 12 milhões de carros, que deixaram de ser produzidos por causa da falta de microchips. No Brasil, são 300 mil unidades a menos. Para 2022, o número global baixa para 5 milhões, e o brasileiro para cerca de 150 mil. **A previsão é de que a escassez de semicondutores dure até o início de 2023, e que, ao final de 2022, a espera por chips será de 10 a 20 semanas.** Mas o prolongamento da crise não é consenso. O JPMorgan avalia que a

situação deve melhorar no segundo semestre do próximo ano. Os problemas não serão de maneira uniforme.

Para amenizar os gargalos de abastecimento de semicondutores, principalmente num momento de transformação do setor, com a eletrificação dos carros, a indústria pode, no curto prazo, fazer contratos de fornecimento garantido, o que significa pagar mais pelo produto. Uma necessidade urgente é acelerar a transição das arquiteturas eletrônicas atuais dos carros que usam chips mais antigos para os de ponta. Até o aquecimento global vai afetar, no longo prazo, a questão dos semicondutores. São itens cuja produção é extremamente sensível e, se houver um terremoto ou uma tempestade, por exemplo, perde-se todo o processo de produção da “bolacha” (“wafer”, um dos itens importantes na indústria de chips). No maior país produtor de “bolachas”, Taiwan, no Sudeste Asiático, a quantidade de chuvas leves por ano caiu à metade em 100 anos. A água é importante matéria-prima nessa produção. Por outro lado, a intensidade de tufões na região cresceu mais de 10% nas últimas décadas. A previsão é de que, até 2040, tenha duas a três vezes mais tempestades tropicais extremas na região, e os riscos de ter de suspender a produção várias vezes são grandes.

Por isso, **a indústria precisa rever o conceito de produção just-in-time, de receber peças apenas no momento de necessidade, e migrar para o just-in-case (no caso de), ou seja, manter estoques de componentes considerados críticos, que, se faltarem, vão parar a produção.** Outra estratégia mais disruptiva é fomentar a reciclagem de semicondutores. Por exemplo, em muitos veículos acidentados, inclusive os de perda total, vários semicondutores se mantêm intactos e podem ser reaproveitados em carros novos. Cada automóvel usa de 1 mil (modelo compacto) a 3 mil chips (modelos de alto luxo). Formar consórcios entre várias montadoras para compras conjuntas também é alternativa. Algumas montadoras já desenvolvem ações para driblar a escassez de itens. O grupo Stellantis, dono da Fiat, Jeep, Peugeot e Citroën, vai padronizar os microchips usados nos automóveis.

Hoje, cada carro usa diferentes tipos de semicondutores e a ideia é trabalhar com um único em vários modelos. **A standardização deverá gerar mais previsibilidade para os fornecedores e vai tornar as encomendas mais competitivas.** A indústria de eletroeletrônicos também foi prejudicada pela desorganização nas cadeias produtivas provocada pela pandemia da Covid-19. Grande parte das empresas do setor teve dificuldades na aquisição de semicondutores, o que gerou atraso na produção e na entrega e paralisação parcial em algumas linhas de produção. **A expectativa do setor no Brasil é de normalidade de abastecimento em meados de 2022 até o início de 2023.** As empresas **fabricantes de máquinas e equipamentos agrícolas também registraram atrasos no recebimento de peças com semicondutores, em especial no segmento de máquinas agrícolas, mas nada comparado ao que ocorreu com o setor automotivo,** de acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq). Segundo a entidade, nenhuma fábrica teve a produção interrompida.

Carlos Cogo

Sócio-Diretor de Consultoria
COGO INTELIGÊNCIA EM AGRONEGÓCIO